

EXPERIMENTAÇÕES EM EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: SABEDORIAS DE RUA¹

Carolina Datria Schulze²

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
datriacarol@gmail.com

Ana Maria Hoepers Preve³

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
anamariapreve@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é parte do projeto maior intitulado “Experimentações em educação e geografia: mapas e cartografias de/em outros percursos” que tem por objetivo investigar geografias que se passam ao largo da geografia acadêmica e escolar. Como metodologia utilizou-se até o presente momento de entrevistas semi-estruturadas e desenhos com moradores de rua e andarilhos internos de um espaço de reclusão em Florianópolis/SC. O estudo busca conhecer os modos de vida e as ocupações da cidade, bem como atentar especificidades do viver a rua apresentadas por esses indivíduos. Nossa questão central é perceber neste contato a existência de cidades que não são vistas dentro de uma mesma cidade, sabendo, de antemão, que toda cidade comporta inúmeras outras cidades subjetivas. Os habitantes das ruas residem no contorno da periferia social, por vezes num cenário de invisibilidade e criminalização. Tal fato gera um conflito entre a sociedade – que deseja a eliminação destes elementos indesejáveis – e os habitantes da rua – que, aos olhos da sociedade como um todo, afrontam as leis de controle social. O trabalho busca encontrar-se com essas vozes marginais e com elas uma cidade não revelada, são cidades percebida por aqueles que habitam a rua porque a vida os levou para ela. O ensaio é resultado das primeiras observações e sensações que essa pesquisa, em fase inicial, proporcionou, não sendo produto final.

PALAVRAS-CHAVE: educação e geografia, educação na rua, homens da rua, cidades vistas por homens da rua.

INTRODUÇÃO

Pés descalços, roupas aos farrapos, barba comprida, um cigarro na boca sem alguns dentes. Essa é a imagem do andarilho que fala sobre Deus e espíritos e que carrega uma sacola feita de lona preta com os seus pertences. O andarilho percorre o

¹O presente texto é oriundo de parte da pesquisa **Experimentações em educação e geografia: mapas e cartografias de/em outros percursos** com bolsa e aprovado pelo Edital PIBIC 2013.

²Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e integrante do grupo Geografias de Experiência vinculado ao Projeto Interinstitucional Imagens, Geografias e Educação.

³ Professora no Departamento de Geografia UDESC, pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO/FAED/UDESC) e integrante do grupo Geografias de Experiência vinculado ao Projeto Interinstitucional Geografias, Imagens e Educação.

manto negro do asfalto de alguma estrada qualquer do país. Somente ele é dono do seu rumo.

Esta é a descrição das cenas iniciais do documentário “O Andarilho” de Cao Guimarães, 2007. Filmado no nordeste de Minas Gérias, o documentário mostra a fusão entre homem e lugares de passagem. As cenas que seguem viajando no íntimo das estradas cruzadas por três andarilhos, carros e caminhões atravessam a estrada ignorando a presença daqueles indivíduos como se fossem invisíveis. Aqui, paisagem e homem se fundem em uma coisa só.

O som dos carros também é uma constante no documentário “Casa de Cachorro”, dirigido por Thiago Villas Boas, 2001, que se passa num fragmento da cidade de São Paulo, mais precisamente embaixo do viaduto da Ceagesp. Entre os ruídos de carros e latidos de cachorros, Thiago V. Boas percorre o interior de algumas das 58 famílias que moravam embaixo deste viaduto no ano 2000, vivendo da confecção e venda de casas de cachorro na beira da Via Anhanguera. A câmera de Boas é intimista, conseguindo captar depoimentos carregados de sentimentos que ficam estampados na face de cada morador, e também é sutil, ao mostrar o completo e profundo desrespeito que estas famílias sofreram ao terem suas casas, materiais e equipamentos confiscados pela Prefeitura de São Paulo em julho de 2000⁴.

Quando se fala em uma cidade específica seu nome já vem carregado com diversos estigmas herdados do imaginário comum, como é o exemplo de Florianópolis/SC. A imagem ligada a Ilha de Santa Catarina é carregada de belezas naturais, praias e excessos de consumo de luxo. O município é vendido pelo turismo como um ótimo lugar para se viver, com alta qualidade de vida, contudo essa é apenas uma das várias imagens que existem simultaneamente neste núcleo urbano. Uma mesma cidade é habitada de diferentes formas, por diversas pessoas, cada indivíduo ocupa o espaço urbano de uma maneira peculiar, formando várias imagens de uma mesma cidade.

Vendida como cartão-postal, a Ponte Hercílio Luz é o símbolo mais famoso de Florianópolis, entretanto a capital conta com diversas outras pontes, viadutos e passarelas, e algumas transcendem o sentido óbvio de transporte para se tornarem moradias. Essas moradas não são vendidas pelo turismo, mas fazem parte da paisagem da cidade, ainda que sejam constantemente ignoradas por aqueles que a atravessam todos os dias.

As imagens dos documentários “Andarilho” e “Casa de Cachorro” se passam em estradas de Minas Gérias e numa grande Avenida de São Paulo, mas também poderiam ser de algum lugar de Florianópolis. Em qualquer estrada ou cidade, é fácil se deparar com imagens iguais ou similares às mostradas nestes documentários. Quando nos encontrarmos com estas cenas, as ações mais comuns são de ignorar ou mirar com julgamentos próprios os protagonistas da cena. Mas como seria essa cena vista sob a ótica daquele que caminha pelas estradas ou por quem vive embaixo da ponte? Como a cidade se mostra para esses sujeitos e de que forma esses sujeitos a habitam? De quais cidades falam-se por aqui?

⁴ Na época, o Sr. Celso Pita era prefeito de São Paulo. A desmontagem das moradias, o confisco dos materiais e ferramentas e o deslocamento das famílias tiveram repercussão negativa, de modo que a prefeitura acabou por autorizar o retorno dos moradores ao local. Contudo os materiais e os instrumentos de trabalho confiscados não foram devolvidos para os seus legítimos donos.

CAMINHANDO ENTRE... RUAS E GRADES

Os muros altos que escondem as grades do Complexo Penitenciário de Florianópolis, situado desde 1971 no bairro Trindade, na capital do Estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil. Dentro do Complexo Penitenciário, nosso destino foi o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP), local onde indivíduos julgados inimputáveis cumprem medida de segurança.⁵ E foi dentro deste ambiente fechado por grades e que transpira medicamentos, que encontramos uma abertura para a cidade daqueles que viveram a rua. O nosso ponto de partida para a pesquisa é também o destino final de muitos que moram na rua.

Entre os 147 pacientes⁶, apenas seis foram entrevistados por serem identificados ou autodenominados como moradores de rua ou andarilhos.⁷ A pesquisa teve início com entrevistas semi-estruturadas, auxiliadas por mapas produzidos nas entrevistas, gravações de áudio e anotações *in loco*. Os encontros para as entrevistas ocorreram dentro dos domínios do HCPT, individualmente, sem a presença de agentes penitenciários. Os nomes dos pacientes foram preservados e neste trabalho serão chamados por apelidos que eles próprios escolheram ou por nomes fictícios. Todas as partes do texto que estiverem sinalizadas em itálico são transcrições das entrevistas, sendo que os erros gramaticais e ortográficos próprios da fala foram corrigidos. Os desenhos feitos pelos pacientes e aqui apresentados, tiveram seu tamanho reduzido, os originais possuem o formato A4. Além da redução de tamanho, não houve qualquer outro tipo edição, de modo a preservar as singularidades dos traços de cada entrevistado. Por vezes os traços são leves e tremidos, deve-se levar em conta que as mãos que desenharam não estão acostumadas a segurar um lápis – alguns são analfabetos ou estão em fase de alfabetização na Escola da Penitenciária – e por vezes estão sob efeito de fortes medicamentos que possuem como um dos efeitos colaterais os tremores nos membros superiores. Para melhor compreensão do tema e para dar maior visibilidade para cada entrevistado, o texto foi dividido em blocos, sendo que cada bloco abrange uma entrevista.

As grades do hospital-prisão impedem que os andarilhos e moradores de rua deste trabalho estejam fisicamente na rua ou na estrada, porém os seus pensamentos, como eles mesmos dizem, estão livres e ultrapassam todos os muros brancos do Complexo Penitenciário. Esta pesquisa, portanto, não se move no campo físico dos deslocamentos espaciais, mas no campo das ideias, das memórias e das sensações.

Para tracejar esse espaço linear da entrevista, os pacientes produziram registros gráficos que usamos para compor uma cartografia que chamaremos, provisoriamente, de cartografias da rua. Os mapas resultantes desta cartografia não provêm de base científica, eles são tomados como produção de uma cartografia intensiva, resultante das memórias dos entrevistados.

Cada uma dessas produções é tomada como um mapa intensivo. Mapas de uma ordem distinta dos produzidos pela Cartografia Científica, cujo foco

⁵ A medida de segurança é aplicada a sujeitos que cometeram um crime, mas são incapazes de compreender a natureza ilícita da ação por serem portadores de doenças mentais. Melhor entendimento ler: PREVE, A. M. H. **Mapas, Prisões e Fugas: cartografias intensivas em educação**. Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

⁶ Dado fornecido por uma das assistentes sociais da instituição em abril de 2013.

⁷ Também foi realizada uma sétima entrevista com um detento comum da Penitenciária de Florianópolis, o João. Esta foi a única entrevista realizada com um não-paciente e fora do HCTP. O método utilizado foi o mesmo, contudo o local foi o prédio administrativo do Complexo Penitenciário de Florianópolis. As transcrições das suas falas inauguram cada ‘bloco’ desde estudo.

concentra-se na superfície extensiva da Terra. Os mapas intensivos não podem ser deslocados dos processos em que surgiram. (...) os mapas intensivos não são tomados como resultado de procedimentos cartográficos – como técnica de produção de mapas da cartografia científica –, mas como movimento no processo (PREVE, 2010, p.18).

Um mapa, como afirma Michel Onfray, “enuncia a ideia que se tem do mundo, não sua realidade” (2009, p.28). As cartografias de rua, bem como os mapas gerados por elas são um modo de ver a rua por aqueles que a habitaram, ocupando seus espaços recônditos, estando, naquele momento, livres de diagnóstico e identificação. O texto trata de apresentar as cartografias dessas ruas, dessa cidade desconhecida para nós, ou seja, também trata dos processos pelos quais os mapas foram gerados.

Os indivíduos aqui apresentados já foram rotulados pela nossa sociedade como marginais, vagabundos, dementes, sem teto, agora no HCTP como loucos e presos. São o retrato daquilo que a sociedade não quer ver. Eles viveram a rua estando debaixo de pontes, viadutos, marquises de loja e agora vivem no manicômio judiciário, uma prisão que em quase nada se parece com um hospital. A pesquisa em curso configura um retrato de geografias outras de uma cidade, a geografia de quem viveu a rua e, por isso, apresenta uma cidade que a cidade – através dos meios de divulgação de que dispõe – não nos mostra.

O CONSULTÓRIO MÉDICO

*A prisão é um quadrado*⁸

Alguns degraus nos levam para a entrada de um prédio branco, onde um relógio quebrado anuncia que naquele lugar o tempo corre de uma maneira diferente. O agente penitenciário abre as grades dando passagem que leva para o corredor com piso de taco de madeira e paredes verde-claras, o caminho percorrido leva até a porta que anuncia: Consultório Médico. Esse é o espaço cedido para as entrevistas, uma sala pequena com apenas três móveis: uma cadeira para o paciente, uma mesa e uma cadeira maior e mais confortável para o médico.

Ao entrar, nos posicionamos no espaço destinado ao paciente, na mesa de madeira se espalham folhas em branco, giz de cera e gravador. O agente anuncia a entrada do paciente, pedimos para que ele sente na cadeira destinada ao médico: *hoje você é o médico*. Esse modesto ato configurado pelo paciente de sentar-se no lugar normalmente destinado ao médico é o primeiro deslocamento da pesquisa, o espaço é reconfigurado. O paciente passa a ocupar o lugar mais importante, pois são as vozes das suas memórias que irão preencher aquele ambiente. Ocorre ali, de maneira enviesada, uma desterritorialização do consultório médico, que se transforma no espaço de pesquisa.

SEM ENDEREÇO

*O cara tem que ter sabedoria para andar na rua,
se não ele não convive na rua*⁹

⁸ Transcrição da fala do João. Entrevista realizada no Complexo penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil em 26 de abril de 2012.

⁹ Transcrição da fala do João. Entrevista realizada no Complexo Penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil em 26 de abril de 2012.

Sua mão treme em provável resposta ao medicamento, seu olhar é penetrante e gélido, nos encara em silêncio. Pedro conta que vivia com o irmão e a cunhada embaixo da Ponte dos Imigrantes em São Paulo, segundo ele, morou na ponte por *muito tempo*. Ele pedia dinheiro e caminhava pelas redondezas da ponte, não costumava ir muito longe. Com um giz de cera verde, Pedro desenha lentamente a ponte que já foi sua morada. Ele deixa um espaço vazio no meio da ponte. É uma ponte que liga nada a lugar nenhum, não se tem como atravessar a *sua* ponte.



Figura 1

Com um mapa do Brasil em mãos, perguntamos se ele pode mostrar onde fica essa ponte no mapa. Ele olha atentamente, passando a ponta dos dedos nas linhas do mapa com movimentos lentos. Pedro pega uma lápis e faz um sinal em cima do estado de São Paulo. - *Você sabe onde nós estamos agora, Pedro?* Ele acena a cabeça em gesto negativo e diz: - *Eu não sei o endereço / - Estamos no HCTP, em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina.*

Volta a analisar o mapa, mais lentamente dessa vez e diz, se referindo a última pergunta: *Eu não conheço esse endereço.* Localizamos a cidade de Florianópolis no mapa para ele. Pedro faz um traço ligando as cidades e fica observando o mapa. Outra folha, mais uma ponte, outra folha, seu nome. Estar preso em um lugar desconhecido, estranho, sem referência alguma “*eu não conheço esse endereço*”, a frase ecoa nas paredes do consultório quando ele entrega seu último mapa da rua e se encaminha para fora do consultório. Do antigo e conhecido endereço, só lhe restam suas memórias.

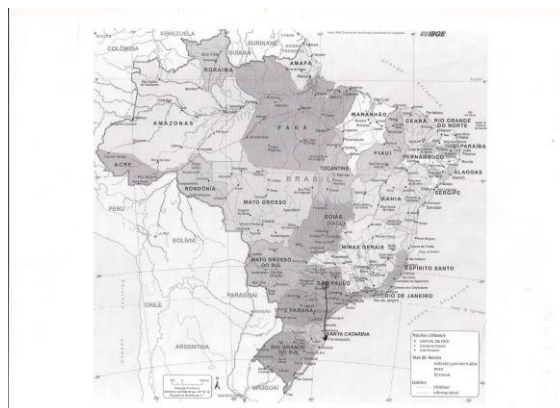


Figura 2

PERCORRENDO O TRECHO

*Na rua, o que eu aprendi?
Eu aprendi a usar droga,
aprendi a roubar, aprendi a mentir¹⁰*

Paulo é um exemplo de pardal, termo estudado por Felipe Brognoli em sua dissertação sobre a etnografia de nômades urbanos. Em seu estudo, foram os próprios trecheiros e pardais que apresentaram e explicaram essa terminologia para Brognoli. O termo pardal é, portanto, “usado para referir-se aos moradores de rua”, pois “como essas aves, nunca se afastam muito de seus ninhos” (BROGNOLI, 1996, p.53-54). Um trecheiro, por sua vez, é aquele que percorre um trecho, que caminha de uma cidade para outra, que não tem uma parada, conhecido comumente por andarilho (BROGNOLI, 1996).

Trecheiros e pardais estão constantemente em contato com instituições normatizadoras, em grande parte involuntariamente – como é o caso do HCTP. Essas instituições buscam controlar ou suprir a periculosidade destes sujeitos que rompem com os códigos sociais tidos como normais e aceitáveis e se tornam uma ameaça para o outro. Ainda segundo Brognoli, essa autodenominação (trecheiros e pardais) estabelece contrastes de forma que os indivíduos “possam ressaltar certas características suas que ‘julgam’ importantes e que lhes conferencia, aos olhos dos outros, senão uma legitimidade, pelo menos uma redução no grau de ‘periculosidade’ que estes outros podem lhes atribuir” (BROGNOLI, 1996, p.51). Faz-se notar que entre os pacientes que entrevistados no HCTP, o termo pardal não foi mencionado e o termo trecheiro só foi utilizado por um dos pacientes, André.

O trecho da BR-101 entre as cidades de Itajaí, Balneário Camboriú e Itapema, no litoral norte de Santa Catarina, é bem conhecido por André. *Vivi oito anos no trecho, aí aconteceram umas coisas, né? E vim parar aqui / Pergunta: você falou em trecho, tu sabes o que é um trecheiro? / - É quem está no trecho. Fica caminhando. / Pergunta: Você é um trecheiro? / Eu era, né? Quando estava lá fora.*

Ele desenha com giz vermelho o telhado do estacionamento perto da igreja onde normalmente dormia quando estava em Balneário Camboriú. *Pergunta: O que você aprendeu na rua? / - Não aprendi nada na rua, do jeito que eu entrei, saí.* André conta que acordava cedo, e saía para trabalhar catando latinha na rua para vender e que quando cansava de uma cidade ia para outra. - *E o que uma cidade precisa ter pra ti? / - Cidade boa é que tem comida boa.*

Explica que nem sempre dormia na rua, às vezes ia para alguma *casa-abrigo*¹¹ onde passava a noite e podia tomar banho. Em um mapa de Santa Catarina, ele faz pontinhos nas cidades que já morou, além das três cidades já citadas, há um ponto em Chapecó (onde nasceu) e Florianópolis e conclui: *agora estou preso aqui.*

Os pontos assinalados por André no mapa catarinense ilustram os pontos que ligam os trajetos rotineiros ao trecheiro. Ele quando nômade urbano perambula livremente entre os pontos, mas os pontos apenas marcam uma passagem, sua força está no trajeto. “A relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de

¹⁰ Transcrição da fala do João. Entrevista realizada no Complexo Penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil em 26 de abril de 2012.

¹¹ Casa-abrigo, também conhecido como albergues temporários, são locais que oferecem abrigo temporário para moradores de rua e andarilhos. Nesses albergues é oferecido cama, banho e em alguns casos janta e café-da-manhã. O tempo máximo de estadia varia em cada abrigo, normalmente é de três a sete dias ou apenas um pernoite.

propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado [...]” (BROGNOLI, 1996, p. 46). Os pontos de parada não importam para o espaço nômade, só existem para serem abandonados. O movimento de deslocamento subordina os pontos ao trajeto, que desse modo se torna autônomo e ganha direção própria.

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.42).

Segundo Deleuze e Guattari, quando se referem ao espaço liso e estriado, dizem que “o espaço nômade e o espaço sedentário, — o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, — não são da mesma natureza” (1997, p.157). A diferença entre o espaço liso e o espaço estriado está no modo como o deslocamento é conduzido. Ao contrário do trajeto autônomo do espaço liso, no espaço estriado os pontos de fixação atuam como canalizadores que conduzem o deslocamento, o trajeto fica restringido a uma função comunicadora entre os pontos.

É justamente essa movimentação autônoma do nômade que excede a ‘regra social’ do sedentarismo e causa desconforto para a sociedade e o Estado. “O capitalismo pode nascer e, com ele, a prisão. Tudo o que recusa essa nova ordem contradiz o social: o nômade inquieta os poderes, é o incontável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar” (ONFRAY, 2009, p.11). Essa inquietude é, no entanto, necessária como assinala Brognoli:

Não se trata, porém, de criticar as antinomias para reproduzi-las agora na oposição Estado versus “máquina de guerra”, mas de identificar sua permanência em termos de “coexistência e competição, **em um campo em constante interação.**” (grifo dos autores) (Deleuze e Guattari, 1988:368), onde ambos se engendram mutuamente e não existem como objetos independentes em que certo momento entraram em relação, assim como o sujeito só existe a partir da existência do outro (BROGNOLI, 1996, p. 46)

Andarilhos e moradores de rua são como um turbilhão ocupando, deslocando e habitando esse espaço liso. É sobre esse espaço nômade que os habitantes da rua desconstruem o território numa ação de fuga e desordem, como resultante se tem a desterritorialização da rua, reterritorializada noutras.

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário[...]. Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 44).

Neste ponto, pode-se afirmar que o morador de rua e o andarilho criam a rua, tanto quanto são criados por ela. Inventam para si uma cidade na cidade que “conhecemos”. O território por eles habitado é encontrado em um movimento de fuga. A rua deixa de ser rua para se tornar morada.

CIDADES MÚLTIPLAS

*A rua pra mim foi uma escola,
me ensinou as coisas boas e as coisas ruins*¹²

Fisicamente a conversa com Bruno se dá na pequena sala do consultório médico do Hospital. Contudo, sua fala nos faz viajar para a cidade de Joinville, no norte do estado de Santa Catarina. Bruno viveu muito tempo nas ruas dessa cidade. Eu – Carolina – morei em Joinville por alguns anos, contudo, a forma como cada um habitou a cidade foi distinta. Eu tive casa. Ele teve a rua. Casa para Bruno era sinônimo de espancamento cotidiano.

Nesse encontro, pedimos que contasse como era seu cotidiano na cidade, enquanto ele nos contava, Carolina fazia um mapa mental do caminho percorrido por Bruno. Contou que morava em uma casa abandonada na Rua das Palmeiras, no centro da cidade, com outros moradores de rua. De manhã Bruno saía da casa, passava pela Praça Nereu Ramos e seguia até o Bar São Paulo. Neste ponto a fala de Bruno foi interrompida por Carolina: - *Onde fica o bar São Paulo?* E ele foi enfático em sua resposta. - *Mas como você não conhece?! Fica ali na frente do Terminal!*

Bruno ficou indignado com a falta de conhecimento da pesquisadora sobre a cidade que moraram. Eu – Carolina - passei inúmeras vezes na frente do dito bar que fica bem enfrente ao Terminal de Ônibus Urbano Central, sem nunca ver essa fração da cidade. Não há apenas uma cidade, mas sim diversas cidades numa mesma. A Joinville de Bruno é formada por pontos alternantes que levam a trajetos que se deslocam no espaço nômade. A Joinville vivida por Carolina é formada por outros pontos que levam a outros trajetos. Cada linha de fuga leva a uma percepção distinta e por isso a cidade se multiplica em várias cidades. “*Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos*” (Cidades Invisíveis, Italo Calvino, 1990, p.14) O bar desconhecido nos revelou uma nova cidade.

SONHOS E FUGAS

*Pra muita gente,
quem mora na rua é invisível*¹³

O refeitório é palco dessa conversa. A cor predominante no refeitório é o verde, as paredes são guardadas por alguns cartazes, duas colunas são formadas por bancos e mesas alongadas. Charles é novo, tem seus vinte e poucos anos, dono de uma voz calma, suave. Foi para a rua com nove anos levado pela mãe: *Eu não queria ir, mas aí eu fui, né?* Ele nasceu em Santos, no litoral de São Paulo, mas já viveu em muitas cidades espalhadas por diversos estados do país – Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina.

¹² Transcrição da fala do João. Entrevista realizada no Complexo penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil em 26 de abril de 2012.

¹³ Transcrição da fala do João. Entrevista realizada no Complexo penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil em 26 de abril de 2012.

Para ele andarilho - *é gente que anda com um saco, coberta, roupa, panela, cascuda*¹⁴, colher. Ele próprio se considera um andarilho. Ele conta que para dormir utilizava igrejas, marquises, casas abandonadas, debaixo de pontes e para ir de uma cidade para outra andava, pedia carona ou pedia passagem de ônibus na assistência social.

A pergunta que se segue é o que ele acha que os outros, a sociedade, pensa dele. - *Eles têm dó de mim. Eu sinto que eles têm raiva de mim. Eles querem me judiar*.¹⁵ *Eu acho que para a sociedade, pros outros eu sou um lixo.* / Pergunta: *Mas você acha que é isso mesmo? Agora o Charles falando, o Charles se acha um lixo? Num primeiro momento ele concorda, mas depois Charles responde: Eu não me acho um lixo, eu me acho uma pessoa boa.*

No caso do tratamento dispensado aos marginais, ocorre uma curiosa contradição: se, por um lado a ideia de indivíduos isolados, sem referências ou inserção social, é abominável e, preferencialmente, estes devem estar englobados por alguma instituição legitimada, por outro, a ideia de associação dos vagabundos a seus pares remete, mais uma vez, à periculosidade dos que não têm constrangimentos à transgressão: *Em um indivíduo sem laços, ela [sociedade] se prontifica a ver um mendigo válido; em dois errantes, ela vê vagabundos temíveis.* (Geremeck apud Mello e Souza, 1986:55). (Grifo do autor) (BROGNOLI, 1996, p. 79).

A rua também deixa marcas e o corpo de Charles é cheio delas. Ele aponta as cicatrizes que ganhou na rua. Uma no pé, uma na barriga, na perna. Charles conta como ganhou a cicatriz da barriga remontando os diálogos. Na verdade ele não lembra exatamente como aconteceu, recorda apenas que foi em Jaraguá do Sul, ao norte do estado catarinense, num dia que ele fumou muitas pedras de crack e dormiu. Quando acordou já tinha o corte.

Na folha em branco ele desenha uma casa, a casa dos seus sonhos. Charles quer uma casa perto do gelo, porque gosta do frio. A casa dele fica na Antártica. Ele diz que quem vai morar com ele são alguns amigos dele que estão fora do HCTP, *estão na rua ou já morreram*. A casa perto do gelo é uma fuga de Charles. Ao traçar aqueles traços ele não está ali, preso no Hospital, ele está lá fora na Antártica, na sua casa no gelo. *Ficou bonito, né?* Ele pergunta sorrindo ao entregar seu mapa, que não retrata especificamente a rua, mas a vontade de estar livre.



Figura 3

¹⁴ Segundo Charles, cascuda é uma vasilha usada para pedir comida.

¹⁵ Judiar numa linguagem coloquial significa machucar, fazer mal.

QUEM VIVE EMBAIXO DA PONTE?

*A cidade é um meio de vida (...)
eu usava a cidade para ganhar a vida¹⁶*

De volta ao consultório médico. Dessa vez quem está na cadeira do médico é o Andes, que gosta de ser chamado assim por causa das montanhas, da Cordilheira dos Andes. A conversa começa com a pergunta: - *Tu foste mesmo morador de rua?* / - *Fui Ana! Falei pra ti!* / - *E tu morava onde, lá em Criciúma?* / - *Na ponte, embaixo da ponte.*

A conversa inteira gira entorno da ponte. No papel, ele faz os traços da “Ponte do Andes” e pinta com caneta vermelha. - *Por que vermelho?* / - *É a cor do meu sangue.* / - *E o que a ponte significa pra você?* / - *Liberdade.* Ele conta como era o seu dia-a-dia na ponte: quando acordava ia andar, contudo, suas caminhadas tinham curtas distâncias, eram caminhos para buscar droga e conseguir comida. Depois ele voltava para a ponte. - *É uma vida sofrida. Mesmo ela sendo ruim, eu voltaria.* / *Pergunta:* - *E se nesse momento você estivesse lá na rua, onde você estaria?* A resposta foi rápida, seca, precisa: - *Na ponte.*



Figura 4

¹⁶ Transcrição da fala de um detento que foi morador de rua. Entrevista realizada no Complexo Penitenciário de Florianópolis/SC, Brasil, em 26 de abril de 2012.

CONSIDERAÇÕES PARA UM INÍCIO¹⁷

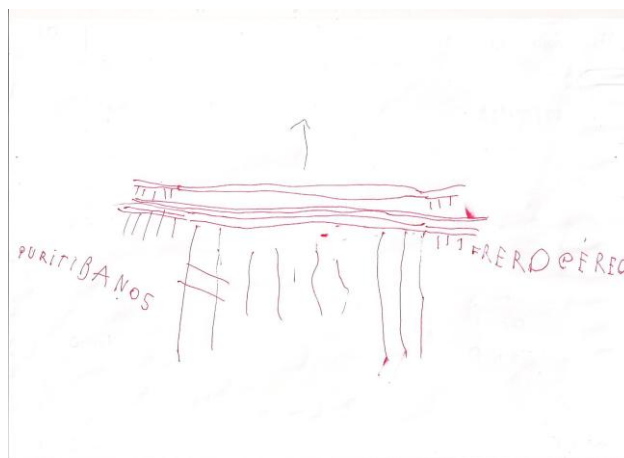


Figura 1

Pergunta: *Tu achas que viver na rua é bom ou é ruim?* Resposta: *Pra mim que estou acostumado é bom.* Pergunta: *E é melhor que aqui, no HCTP, ou pior?* Resposta: *Bem melhor. É bem melhor. A gente se alimenta bem, só não pode usar droga. Se usar droga é pior do que aqui, mas se não usar droga é melhor do que aqui. Isso que eu estou falando é verdade, é realidade. Se usar droga dá cadeia.* A fala do João¹⁸ expressa o que vive hoje.

A rua e a cidade podem ser vistas sob diversos prismas, escolhemos olhar sob o prisma de quem tem a rua, a estrada e a cidade como morada. Iniciamos o percurso da pesquisa pelo “fim”, começamos onde muitos moradores de rua e andarilhos vão parar: um presídio ou um hospital de custódia. Esse primeiro contato nos possibilitou observar a cidade sob outra perspectiva e foi essencial para poder aprontar o segundo percurso da pesquisa que logo se inicia, onde iremos percorrer efetivamente as ruas.

Esses escritos são as primeiras linhas de uma geografia outra, uma geografia da rua, composta por mosaicos de traços inquietos que nos incitam e incomodam. O processo dessa geografia de espaços nômades nos é mostrado por meio de uma cartografia intensiva pautada na memória de quem já viveu a rua e hoje, resultando no que aqui chamamos provisoriamente de cartografias da rua.

Os contornos e traços desses mapas retratam uma linha de fuga de um indivíduo que habitou ruas, pontes, marquises e estradas. A sobreposição das várias cidades que existem em um mesmo espaço urbano, deu para a rua (as nossas ruas) e a cidade outros traços e cores. Impossível passar ao lado de uma ponte, de uma marquise... sem olhar de outro modo. Deixamos o texto em aberto, por ora, com as palavras de Guattari (1992, p, 156), na certeza de que faremos disso tudo um atlas como experiência delirante do trabalho de fazer emergir o que esses ‘novos espaços’ nos interpelam.

¹⁷ Desenho feito pelo paciente Cesar. Mostra a ponte onde morava entre as cidades de Curitiba e Frei Rogério. Segundo Cesar, ele morava embaixo da ponte, sendo que no lado direito era o quarto e no lado esquerdo era a cozinha.

¹⁸ Entrevista com um detento comum da Penitenciária de Florianópolis, João. Esta foi a única entrevista realizada com um não-paciente e fora do HCTP. O método utilizado foi o mesmo, contudo o local foi o prédio administrativo do Complexo Penitenciário de Florianópolis.

Essa experiência de subjetivação do espaço só apresenta um caráter de exceção na medida em que revela uma falha psíquica deixando entrever, de modo quase pedagógico, as estratificações do *self*. Mas qualquer outro espaço vivido engajaria igualmente tais aglomerados sincrônicos da psique que apenas o trabalho poético, a experiência delirante ou a explosão passional podem atualizar. É assim que certos psicóticos se encontram atormentados por vozes, nos quatro cantos do espaço, que os interpelam, freqüentemente para insultá-los. Será que a arquitetura tem alguma relação com essa diacronia e essa polifonia dos espaços? Seria o domínio construído sempre unívoco, de “mão única”? Evidentemente qualquer construção é sempre sobredeterminada aos menos por um estilo, mesmo quando esse estilo brilha por sua ausência? Como diz Wittgenstein; ‘cada coisa se encontra, por assim dizer, em um espaço de coisas possíveis’.

REFERÊNCIAS

- 8ª BIENAL do Mercosul: ensaios de geopoética [Catálogo] Coordenação Alexandre Dias Ramos; curador José Roca; colaboração Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre, RS: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- BROGNOLI, F. F. **Trecheiros e Pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos**. Florianópolis, SC, 1996. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] Universidade Federal de Santa Catarina.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, SP: Editora 34, Vol. 5, 1997.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo pagradigma estético**. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.
- ONFRAY, M. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009
- ORLANDI, L. B. L. **Morada do Ente**. Comunicação apresentada no “IV Simpósio Internacional de Filosofia Nietzsche e Deleuze: bárbaros e civilizados” (3-8/11/2002 – Fortaleza, Ceará). Publicada como capítulo de livro em D. Lins e P. P. Pelbart, Nietzsche e Deleuze – Bárbaros e Civilizados, São Paulo, Annablume Ed., 2004, pp. 119-129
- PREVE, A. M. H. **Mapas, Prisões e Fugas: cartografias intensivas em educação**. Campinas, SP, 2010. Tese [Doutorado em Educação] Universidade Estadual de Campinas.

FILMOGRAFIA

- BOAS, T. V. **Casa de cachorro – um documentário com os moradores do viaduto da Ceagesp** [Filme-documentário] Direção e pesquisa de Thiago Villas Boas, produção de Maria Farkas. São Paulo, SP, ECA-USP, 2001. 28min. Color.
- GUIMARÃES, C. **Andarilho** [Filme-documentário] Direção de Cao Guimarães. Brasil, 2007. 80min. Color.